

Nihilismo, poesia e filosofia: Mario Faustino leitor de Friedrich Nietzsche

José Elielton de Sousa*

Resumo: O texto trata da relação entre filosofia e poesia e tem por objeto de análise a possível influência de Friedrich Nietzsche sobre o poeta Mário Faustino, especialmente no poema-título de seu único livro publicado em vida, *O homem e sua hora*. Assim, pretendemos mostrar que especificamente neste poema, além da visão trágica do mundo, da crítica ao ascetismo cristão, da valorização do corpo como morada do ser, da simbologia mítica do eterno retorno, da constelação de mitos dionisíacos e de tantos outros temas caros à filosofia nietzschiana, é a presença do nihilismo como uma espécie de fio condutor do poema que denota essa influência da filosofia nietzschiana na poesia faustiniana.

Palavras-chaves: nihilismo, poesia, filosofia.

Nihilism, poetry and philosophy: Mario Faustino reader of Friedrich Nietzsche

Abstract: The text deals with the relation between philosophy and poetry and its object of analysis is the possible influence of Friedrich Nietzsche on the poet Mario Faustino, especially in the title poem of his only book published in his lifetime, *Man and his hour*. Thus, we intend to show that specifically in this poem, in addition to the tragic vision of the world, the criticism of Christian asceticism, the valuation of the body as the abode of being, the mythical symbolism of the eternal return, the constellation of Dionysian myths and many other themes Nietzschean philosophy, is the presence of nihilism as a kind of guiding thread of the poem that denotes this influence of Nietzsche's philosophy in Faustino's poetry.

Keywords: nihilism, poetry, philosophy.

Introdução

Parece haver uma relação de influência recíproca entre poesia e filosofia, muito embora nem sempre aceita por parte dessa última, cuja expressão mais geral é a própria experiência do pensamento em seu movimento criador. Enquanto constituintes da memória original do mundo e da realidade, isto é, enquanto elementos formuladores de uma experiência do mundo, de um contato com o mundo que precede todo pensamento *sobre* o mundo, como bem nos lembra Gerd Bornheim em *Filosofia e Poesia* (1986) citando o Merleau-Ponty de *Romance e Metafísica* (1947), poesia e filosofia se

* Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, PI, Brasil. Contato: jose_elielton@yahoo.com.br.

interpenetram, numa dialética que retroalimenta a ambas as formas de saber, ora predominando o teor racional da experiência vivida, ora a própria concretude que a experiência poética instaura através de sua linguagem.

Para o filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche, um dos pensadores contemporâneos a retomar de forma radical essa relação entre filosofia e poesia, graças aos impulsos artísticos apolíneo e dionisíaco, a arte nos possibilita um conhecimento em “imagens figuradas”, independente da inteligência lógico-conceitual, “pois só como *fenômeno estético* podem a existência e o mundo *justificar-se* eternamente”¹. Em sua metafísica do artista, o poeta lírico equivale mesmo a um “quase-deus”, que, “criando mundos, se desembaraça da *necessidade* da abundância e *superabundância*, do *sofrimento* das contradições nele apinhadas”². É que para o autor do *Nascimento da tragédia*, toda a arte da poesia e todo poetar nada mais é que interpretação de “sonhos verazes” e, tal como o pressentimento filosófico de que a realidade em que vivemos e somos são puros fantasmas ou imagens oníricas, do mesmo modo se comporta a pessoa suscetível ao artístico, em face da realidade do sonho: “observa-o precisa e prazerosamente, pois a partir dessas imagens interpreta a vida e com base nessas ocorrências exercita-se para a vida”³.

Para Gerd Bornheim, para ficarmos apenas nesse teórico, “a experiência é o patrimônio comum à filosofia e à poesia, ponto de partida sem o qual não se podem constituir”⁴. Todavia, enquanto o filósofo se destaca da experiência para pensar seus conteúdos, o poeta, ao contrário, não se desprende da experiência, explorando-a através da linguagem no contexto existencial, tal como apontara Nietzsche. E é justamente aqui que Bornheim situa a importância da poesia para a filosofia: “embora não se possa reduzir a poesia a uma questão de sensibilidade, é pela linguagem poética que o filósofo pode alargar, de modo privilegiado, a sua sensibilidade”⁵.

Ora, se aceitarmos essa tese de Bornheim, o contrário também parece verdadeiro, ou seja, o *logos* filosófico tende a aprofundar o conteúdo da experiência poética, fornecendo-lhe fundamento, a fim de explicitá-la racionalmente. Isso não implica a redução de uma à outra, mas apenas o reconhecimento de que ambas se movem num terreno comum: o plano da experiência expresso através da linguagem.

¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 47.

² NIETZSCHE, Friedrich W. Op. Cit., p. 18.

³ NIETZSCHE, Friedrich W. Op. Cit., p. 28-29.

⁴ BORNHEIM, Gerd A. *Filosofia e Poesia*. *Matraga*, nº 0, 1986, p. 67.

⁵ BORNHEIM, Gerd. Op. Cit., p. 68.

Assim, se o poeta “inventa” a verdade do indefinível, cabe ao filósofo explicar o conteúdo dialético a partir do qual se pode falar em “realidade”. Nesse sentido, falar da relação entre poesia e filosofia parece constituir-se mesmo em um procedimento hermenêutico em que conceitos, valores, visões de mundo e referenciais metodológicos, que não são originalmente de um campo, são utilizados, remanejados, transformados ou simplesmente adotados no interior de outro horizonte conceitual, valorativo ou vivencial.⁶

Tal é o caso do poeta piauiense Mário Faustino com o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Embora seja mais comum destacar a influência de outros autores, especialmente Ezra Pound e Jorge de Lima ou Mallarmé, na poesia faustiniana, existem diversas chaves de leitura que nos permite aproximá-la da filosofia nietzschiana, como sugerem Benedito Nunes em *A poesia de Mário Faustino* (1966) e Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira* (2003). Assim, pretendemos mostrar que especificamente no poema que dá título ao seu único livro publicado em vida, *O homem e sua hora* (2009), além da visão trágica do mundo, da crítica ao ascetismo cristão, da valorização do corpo como morada do ser, da simbologia mítica do eterno retorno, da constelação de mitos dionisíacos e de tantos outros temas caros à filosofia nietzschiana, é a presença do niilismo como uma espécie de fio condutor do poema que denota essa influência de Nietzsche na poesia faustiniana.

Mário Faustino: poeta-crítico

Em 27 de novembro de 1962, um acidente aéreo interrompeu prematuramente a carreira de uma das mais brilhantes promessas da literatura brasileira, Mário Faustino dos Santos e Silva, então com apenas 32 anos. Tamanha foi a lacuna deixada pelo poeta que dezesseis anos depois daquele trágico acidente, Augusto de Campos viria a afirmar em *Poesia, antipoesia e antropofagia*, lançada em 1978 que

É difícil, ainda, fazer-se uma análise serena da obra de Mário Faustino. Particularmente para nós, seus companheiros de geração, que ainda não conseguimos assimilar de todo o

⁶ Estamos nos referindo àquilo que Hans-Georg Gadamer chama de “aplicação”, ou seja, ou seja, uma apropriação de conceitos, valores, visões de mundo e referenciais metodológicos que não são originalmente seus e são utilizados, remanejados, transformados ou simplesmente adotados no interior do seu horizonte conceitual, valorativo ou vivencial. Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. 3ª ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 400-465.

caso bárbaro que fez dele, quando tinha apenas 32 anos, um morto prematuro, como aquele Elpenor, de Homero & Pound [...]. Foi tão chocante essa morte e é tão grande a lacuna deixada por Faustino nas letras brasileiras que é preciso certo esforço para dominar a simpatia e solidariedade e partir para avaliação rigorosa do que foi sua poesia⁷.

A vida, ou melhor dizendo, a morte, não permitiu que Mário Faustino deixasse uma obra vasta, mas ele soube se aproveitar do tempo que lhe foi concedido para marcar sua passagem entre nós. Embora tenha atuado fortemente como jornalista e tradutor, é no campo da crítica literária e da poesia que sua produção se destaca, atividades que ele mesclava com maestria, aliando intimamente a criação à intensa reflexão sobre a tradição e o fazer poéticos.

Sua projeção como crítico literário se deve, em grande medida, por sua atuação na página *Poesia-Experiência* do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, dedicada exclusivamente à reflexão sobre teoria e prática poéticas. Segundo a pesquisadora Maria Eugenia Boaventura, “a página que escrevia no SDJB era uma oportunidade de o grande público conhecer de forma simultânea e sincrônica a poesia e a reflexão sobre ela, ou ainda o ‘roteiro’ para bem construí-la”⁸. De visão cosmopolita, mas sem perder de vista sua realidade concreta, Mário Faustino desenvolveu um trabalho de impacto considerável no cenário crítico-literário brasileiro, não apenas na reavaliação das contribuições de consagrados e esquecidos pela crítica e na apresentação de novos poetas e críticos, mas também na teoria poética, contribuindo com sua crítica objetiva para a revitalização da poesia brasileira da época.

Manejando um arsenal teórico e poético requintado, a perspectiva teórica de sua crítica foi “inspirada no *ABC da literatura* [de Ezra Pound], do qual foram retirados exemplos do método ideogrâmico, baseado na objetividade investigante e na perspectiva comparativista”⁹. Com base no lema poundiano – *repetir para aprender, criar para renovar* –, Mário Faustino pretendia oferecer uma amostra do que havia de melhor nas diferentes formas de linguagem poética e em suas análises privilegiava as observações rápidas, diretas, com abundância de citações. Maria Eugenia Boaventura observa, no entanto, que “apesar de assinalar sempre a fonte de inspiração, excedeu o

⁷ CAMPOS, Augusto de. *Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 49.

⁸ BOAVENTURA, Maria Eugenia. Um militante da poesia. IN: FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora e outros poemas*. Pesquisa e organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 25.

⁹ BOAVENTURA, Maria Eugenia. Op. Cit., p. p. 24.

seu mentor teórico, recriou e inovou a estratégia de análise, sobretudo adaptou-a à situação particular da poesia brasileira”¹⁰.

Como poeta, Mário Faustino publicou apenas um único livro em vida, *O homem e sua Hora*, em 1955, alguns poemas esparsos nos suplementos literários que atuou e fragmentos do chamado poema longo, um projeto inacabado preconizado pelo poeta. Estes últimos foram organizados por Benedito Nunes numa antologia poética publicada em 1966. Boa parte da produção esparsa e alguns poemas inéditos (cedidos por Benedito Nunes) encontra-se reunida na versão organizada por Maria Eugênia Boaventura d’*O homem e sua hora e outros poemas* pela Companhia das Letras, lançada em 2002, que traz ainda o ensaio da organizadora, “Um militante da poesia”, e o depoimento crítico-literário de Benedito Nunes, “A poesia de meu amigo Mário”.

Embora sua produção poética seja relativamente pequena, dado obviamente seu curto tempo de vida, Augusto de Campos assinala que encontramos três fases distintas na poesia faustiniana:

A da integração da tradição no moderno – *O homem e sua Hora* (“espécie de relatório de meia dúzia de anos de aprendizado poético”, segundo o próprio autor) e mais os esparsos e inéditos da primeira parte do livro; a moderna – poesia posterior ao advento da *poesia concreta* (a segunda parte dos esparsos e inéditos, que se compõe de apenas oito poemas, o primeiro dos quais datado de 22 de outubro de 1956); a da integração do moderno na tradição – os fragmentos do poema longo, inacabado¹¹.

Essas três fases em que se divide a poesia faustiniana, que de tão curtas que foram, Benedito Nunes prefere chamar de “momentos”, expressam a qualidade e riqueza de sua produção poética. Talvez a brevidade da vida não tenha permitido que Mário Faustino levasse a cabo todos os seus projetos poéticos, “mas a honesta e competente batalha poética que travou, de frente erguido e peito aberto, merece ser vista e meditada”¹², e por que não, cotejada com suas influências, inclusive filosóficas.

Sobre o nilismo nietzschiano

Mário Faustino parece ter tido contato com a filosofia, e, em particular com Nietzsche, quando do início de sua juventude em Belém, através do amigo Benedito

¹⁰ BOAVENTURA, Maria Eugenia. Op. Cit., p. p. 24.

¹¹ CAMPOS, Augusto de. Op. Cit., p. 56.

¹² CAMPOS, Augusto de. Op. Cit., p. 59.

Nunes. O interesse do poeta pela filosofia foi tanto que, apesar do contato inicial ter sido motivado por certas inclinações religiosas, ele chegou mesmo a propor ao amigo filósofo a organização de uma página de filosofia para o *Jornal do Brasil*, como confessaria Benedito Nunes em entrevista ao professor Ernani Chaves, publicada na Revista de Filosofia *Transformação* em 2008. Dentre as influências filosóficas que marcam a poesia de Mário Faustino, uma das que mais nos salta aos olhos é certamente a de Friedrich Nietzsche. Há várias chaves de leitura que nos permitem aproximar a poesia faustiniana da filosofia nietzschiana, seja através da relação trágica entre vida e obra que marcou a ambos e conferiu-lhes certo *páthos* existencial, seja recorrendo a uma série de referências metafóricas e conceituais que denotam tal aproximação. Em relação a essa segunda via de aproximação entre o poeta e o filósofo, a qual nos ocuparemos aqui, além da visão trágica do mundo, da crítica ao ascetismo cristão, da valorização do corpo como morada do ser, da simbologia mítica do eterno retorno, da constelação de mitos dionisíacos e de tantos outros temas caros à filosofia nietzschiana, é a presença do niilismo como uma espécie de fio condutor do poema-título da obra de Mário Faustino que denota essa influência de Nietzsche em sua poesia, como havíamos mencionado na introdução.

Ora, como é sabido, o niilismo é um tema recorrente na obra de Nietzsche, configurando-se como questão fundamental através da qual o filósofo traz à problematização filosófica a experiência de instauração e dissolução dos valores. É nesse sentido que, ao se interrogar sobre o significado deste fenômeno, Nietzsche responde que o niilismo significa simplesmente “que os valores supremos desvalorizem-se”¹³. Com o termo *niilismo*, “ele procurava abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, de modo a atingir a raiz comum dessa doença, qual seja, a instauração da interpretação moral da existência dá origem ao niilismo ocidental”¹⁴. Com essa interpretação do niilismo enquanto processo, enquanto transcurso doentio típico, Nietzsche quer explicar a lógica de desenvolvimento deste hóspede sinistro, seu advento e consumação. A modernidade é o momento decisivo desse processo, pois é nela que o niilismo se radicaliza e assume

¹³ NIETZSCHE, Friedrich W. *A vontade de poder*. Tradução original do alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes; Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 29.

¹⁴ ARALDI, Claudemir. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* 5, 1998, p 76.

formas mais sofisticadas; é nela que o espírito de incerteza, de desconfiança, de hesitação, passa a fazer parte do exercício filosófico e da ação humana.

Não caímos, exatamente com isso, na suspeita de uma oposição, uma oposição entre o mundo qual até hoje nos sentíamos em casa com nossas venerações – em virtude das quais, talvez, *suportávamos* viver – e um outro mundo *que somos nós mesmos*: numa inexorável, radical, profunda suspeita acerca de nós mesmos, que cada vez mais e de forma cada vez pior toma conta de nós, europeus, e facilmente poderia colocar as gerações vindouras ante essa terrível alternativa: “Ou suprimir suas venerações ou – *a si mesmo*”! Esta seria niilismo; mas aquela não seria também – niilismo?¹⁵.

Para Nietzsche, o evento fundamental da modernidade é a “morte de Deus”¹⁶, ou seja, a ausência total de sentido, de toda finalidade, ocasionada pelo afastamento da fonte divina dos valores que forneciam um sentido ao mundo. Com a morte de Deus, o ser humano não dispõe mais de uma garantia de sentido ou razão para sua existência, pois todas as suas referências foram abaixo.

Entretanto, esse niilismo moderno é parte de um processo maior que se iniciou com o pensamento socrático-platônico e sua afirmação da ideia do Bem, expressa através da teoria das ideias. O pensamento socrático-platônico instituiu a dicotomia metafísica entre verdade e aparência, valorizando o mundo verdadeiro, atingível somente pela razão, em detrimento da realidade aparente em que vivemos. Ele é a primeira das seis fases traçadas por Nietzsche para explicar o advento e a consumação do niilismo. As seguintes seriam: 2) o pensamento cristão, ou o platonismo para o povo (o mundo verdadeiro, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência”)); 3) o pensamento iluminista, expresso através do kantismo (o mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo); 4) o materialismo positivista (mundo verdadeiro inacessível e, portanto, uma ideia inútil que já não tem força imperativa – manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto de galo do positivismo); 5) o pensamento livre de desconstrução dos antigos valores (mundo verdadeiro, já que inútil, merece ser abolido); 6) o pensamento do meio dia de Zaratustra, quando o niilismo se torna completo, consumado e ativo

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 239-240.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich W. *Op. Cit.*, p. 147-148.

(Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; começa Zaratustra)¹⁷.

Fenômeno ambíguo, com essa exposição do processo de consumação do niilismo, Nietzsche pretende passar do niilismo incompleto, que ainda é a condição da modernidade, para o niilismo completo e, posteriormente, para o momento derradeiro: o niilismo do êxtase, que é a condição para se chegar à suprema afirmação da existência¹⁸. É quando a vontade de poder se direciona para a criação de novos valores, se inserindo no movimento do eterno retorno, que provoca a inserção humana numa experiência temporal em que cada instante é afirmado dionisiacamente, num processo constante de destruição-criação de si mesmo.

Mário Faustino leitor de Nietzsche

Se com a radicalização do niilismo na modernidade, provocada pela constatação da “morte de Deus” enquanto doador de sentido ao mundo, instaura-se o espírito de incerteza, dúvida e hesitação diante do esgotamento e falta de sentido da existência humana, os primeiros versos d’*O homem e sua hora* já denotam esse estado de crise apontado por Nietzsche: “*Que século, este século – que ano /Mais-que-bissextos, este /[...]Esta é outra estação, é quando os frutos /Apodrecem e com eles quem os come. /Eis a quinta estação, quando um mês tomba, /O decimo-terceiro, o Mais-Que-Agosto, /Como este dia é mais que sexta-feira /E a Hora mais que sexta e roxa*”. À semelhança do filósofo, o poeta também pressente o processo de esgotamento, de falta de sentido que se abate sobre o espírito humano: “*Tudo se acumula/Contra nós, no horizonte. As velas que ontem /acendemos ou brancas enfunamos /O vento apaga e empurra para o abismo /As cidades que erguemos, nós e nossos /Serenos ascendentes se arruinam /[..]Vê, em torno /de mesas tortas jogam meus sonâmbulos /meus líderes, meus deuses*”

Mais que o reconhecimento do “espírito” de uma determinada época, o poema expressa o próprio caráter processual do niilismo, tal como Nietzsche o compreende, apontando inclusive sua gênese platônico-cristã: “*Eros defunto e desalado. Eros! /Eras tão ledos enquanto não pregava /No cume do obelisco de teu falo /Uma cruz, um talento*

¹⁷ Cf. NIETZSCHE, Friedrich W. *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017, p. 25-26.

¹⁸ ARALDI, Claudemir. Op. Cit., p. 88.

de ouro, um preço, /Um prêmio, uma sanção... Desaba a noite, /A noite tomba, Iésus, e no céu /Da tarde, de onde os revoos de mil pombas /Soltas pelo desejo de teu reino”.

A própria lógica do niilismo, marcado pela experiência histórica de esvaziamento dos horizontes de sentidos, comporta um transcurso e aponta para um acabamento. Essa completude do niilismo, que se desencadeia sob o signo da dissolução dos valores superiores, implica uma autoconsciência do ser humano sobre si e sobre a sua nova situação após a morte de Deus: *“Todo este caos, Homem, para dizer-te /Não seres deus nem rei nem sol nem sino /Dos animais, das pedras – ou dizer-te /Ser débil cana o cetro que não podes /Quebrar, ser de ervas más o diadema /Que não podes cortar com teus cabelos!”.*

Fenômeno ambíguo, na ótica nietzschiana, a completude do niilismo não ocorre somente como dissolução passiva, ele pode ser também um sinal de força, de intensificação do poder do espírito. Assim, a radicalização moderna do niilismo implica uma decisão: aceitar e experimentar este hóspede sinistro que é o niilismo em si mesmo, para poder esgotá-lo e ultrapassá-lo. É nesse sentido que o poeta, em consonância com a distinção nietzschiana entre niilismo passivo e niilismo ativo, nos apresenta duas alternativas possíveis: *“E é aqui /A cruz onde o caminho se divide /Em dois atalhos: um para o Mosaico /Tártaro espesso, o outro para o lúcido /Heleno Elísio, nosso reino livre /E nosso verbo, nossa dança e chama”.*

O poeta escolhe, obviamente, o caminho da afirmação da existência através de novas fontes de criação: *“Aqui devo deixar-te, Herói. Retiro-me /Para uma ilha, Chipre, onde nascido /Outrora fui, onde ergueri não uma /Turrus ebúrnea, torre inversa, torre /Subterrânea, defesa contra as pombas /Cobálticas, colombas de outro Espírito /[...]Pigmálio, talharei a nova estátua: /Estátua de marfim, cândida estátua, /Mulher primeira, fêmea de ar, de terra, /De água, de fogo”.* Da mesma maneira que ocorre no niilismo ativo, em que o filósofo transforma esse fenômeno numa espécie de martelo que destrói ativamente, o poeta assume a tarefa de construir, sob o caos originário, um novo sentido à existência através desse instrumento quase divino que é a poesia: *“Phanos, imagens de beleza, chagas /Na memória dos homens... pede a Hermes /Ideias que asas gerem nos tendões /Das palavras certas – logos, logos /Carregando de força os sons vazios – /Dá-lhe tu mesmo, Fabro, o mel, a voz /Densa, eficaz, dourada, melopaica”.*

Aliás, vale a pena retomar novamente, como exercício conclusivo do que nos propomos aqui, uma das mais belas imagens evocadas por Nietzsche – e que melhor

denota essa relação entre filosofia e poesia –, que é justamente essa do poeta como um “quase-deus”, aquele que tem o poder da contemplação e o olhar retrospectivo sobre a obra, mas também e sobretudo esse *poder criador* que Mário Faustino faz uso de forma brilhante. E para que não reste dúvidas quanto a essa analogia entre o fazer filosófico e o poético – os pensantes-que-sentem e o ato supremo de criação do mundo –, cabe mencionar um trecho do parágrafo 301 da *Gaia Ciência*:

Nós, os pensantes-que-sentem, somos os que de fato e continuamente *fazem* algo que ainda não existe: o inteiro mundo, em eterno crescimento, de avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Esse poema de nossa invenção é, pelos chamados homens práticos (nossos atores, como disse), permanentemente aprendido, exercitado, traduzido em carne e realidade, em cotidianidade. O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos!¹⁹

Assim, num mundo marcado pela experiência concreta de falência das grandes narrativas que mobilizaram a humanidade nos últimos séculos, a poesia de Mário Faustino e seus ecos nietzschianos nos ajuda na difícil, porém necessária, tarefa de assumir ativamente o niilismo como “a mais divina de todas as formas de pensar”, como condição para se chegar à suprema afirmação da existência, para além do sinistro e bárbaro tempo em que vivemos.

Referências bibliográficas

ARALDI, Claudemir L. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* 5, p. 75 – 94, 1998.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Um militante da poesia. IN: FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora e outros poemas*. Pesquisa e organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BORNHEIM, Gerd A. Filosofia e Poesia. *Matraga*, nº 0, p. 61-69, 1986.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003.

FAUSTINO, Mário. *O homem e sua Hora e outros poemas*. Pesquisa e Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich W. Op. Cit., p. 204.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. 3ª ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Romance e Metafísica. *Revista Joaquim*, nº 14, p. 4, 1947.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A vontade de poder*. Tradução original do alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes; apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

_____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

NUNES, Benedito. A poesia de Mário Faustino. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Organização de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Recebido em 08/12/2018

Aprovado em 30/10/2019